

RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO: UM ESTUDO DA TRIÁDE

João Antônio de Santana Neto (UNEB/PPGEL)

joaosantananeo@msn.com

Nessa mesa-redonda, pretende-se apresentar a tríade retórica e seu papel na argumentação. Escolheram-se como aporte teórico pressupostos da retórica, da nova retórica e da pragmática a fim de verificar como o *ethos*, o *logos* e o *páthos* interagem na argumentação. A fim de alcançar o objetivo proposto, o *corpus* escolhido é o tratado ascético-místico medieval *Castelo Perigoso* (séc. XIV). O trabalho apresentado está vinculado ao projeto coletivo de pesquisa “Argumentação, práticas discursivas e poder”, no qual o autor participa como pesquisador.

Aristóteles, ao escrever sua *Τεχνή Πηγοτική* (*Arte Retórica*), pretendeu apresentar uma *technè*, a qual visava examinar o que era persuasivo para vários tipos de indivíduos, pois, para ele, a retórica é a faculdade de considerar, para cada questão, o que pode ser apropriado para persuadir. Na obra citada, têm-se três categorias: o *lógos* (λόγος), o *ethos* (ἦθος) e o *páthos* (πάθος). Trata-se da relação entre o orador/locutor e o auditório/alocutário (ἦθος e πάθος, de acordo com Aristóteles) por meio da linguagem (λόγος). Para o *lógos* tem-se a imagem que o locutor faz do referente e pressupõe-se a imagem que o alocutário faz do referente; para o *ethos* é considerada a imagem que o locutor faz de si mesmo e pressupõem-se as imagens que o locutor acredita que o alocutário faça si próprio e que o alocutário faz do locutor; e para o *páthos* considera-se a imagem que o locutor faz do alocutário e pressupõem-se as imagens que o alocutário faz de si mesmo e que o alocutário acredita que o locutor faça dele. Contudo, na prática, as imagens que o alocutário faz de si mesmo, que o alocutário faz do locutor e que o alocutário acredita que o locutor faça dele só podem ser inferidas pelo locutor a partir de atitudes e comportamentos do alocutário.

Por isso a visão retórica desses três elementos-chave é a de que

O orador é simbolizado pelo *ethos*: na sua “virtude”, em suma, na confiança que nele se deposita. O auditório é representado pelo *páthos*: para o convencer é preciso impressioná-lo, seduzi-lo, e mesmo os argumentos fundamentados na razão devem apoiar-se nas paixões do auditório para poderem passar e suscitar adesão. Resta, enfim, a terceira componente, sem dúvida a mais objectiva: o *lógos*, o discurso, que pode ser ornamental, literário, ou então directamente literal e argumentativo (MEYER, 1994, p. 43).

Segundo Lausberg (1982, p. 105), a *persuasio* também pode manifestar-se na criação por um consentimento afetivo do árbitro da situação (alocutário), considerando-se que o consentimento afetivo pode preencher possíveis lacunas da convicção intelectual.

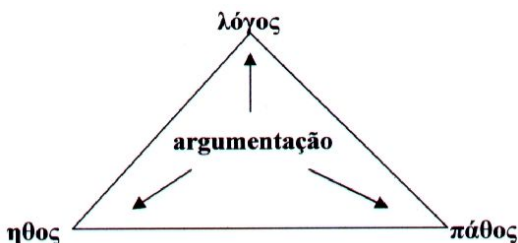
O *ethos* visa à influência afetiva, pretendida e exercida pelo locutor sobre o alocutário, com a finalidade de nele exercitar afetos suaves, visando obter a *benevolentia*.

O *páthos* objetiva a influência afetiva, pretendida e exercida pelo locutor sobre o alocutário, com a finalidade de nele exercitar, favoravelmente à proposição, afetos violentos (*movere, comovere*). Este grau afetivo leva à ação, através do impulso imediato, e consiste na adesão do espírito à proposição apresentada. O centro do domínio em que se aplica o *páthos* reside no *genus sublime*.

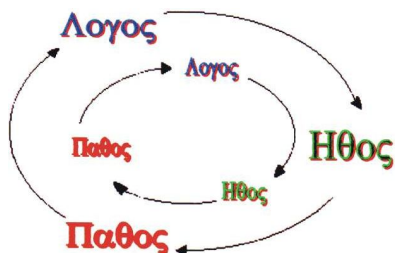
Nessa perspectiva apresentada por Lausberg (1982) do fazer persuasivo que visa obter a benevolência, tem-se, no *Castelo Perigoso*, a benevolência é pressuposta pelo locutor, *Frère Robert*, pelo facto de ele representar a autoridade que fala em nome de Deus, ou seja, a Igreja, e a persuasão e a comoção visam transformar o auditório a partir da alegoria da construção do castelo a exemplo da Virgem Maria.

Tradicionalmente, apresenta-se a oposição aristotélica entre os argumentos lógicos (*λόγος*) e os argumentos subjetivos, baseados, de um lado, nas emoções do auditório (*πάθος*) e, de outro, na imagem do orador (*ἦθος*).

As relações entre a tríade aristotélica e a argumentação podem ser verificadas no esquema proposto por Adam (1999, p. 102), apresentado a seguir:



Os três componentes da persuasão congregam os três lugares complementares que concorrem para todo movimento argumentativo. Na realidade, o tipo de argumento utilizado intervém também na construção e na imagem do orador, na exteriorização de seus sentimentos e em sua capacidade de inflamar o auditório. O movimento argumentativo pode ser representado pela espiralidade da figura apresentada por Rocha (2003, p. 297):



Nessa espiralidade, a “tríade retórica, o λόγος, o ηθος e o πάθος, operando com o imaginário social, constrói o ato discursivo da persuasão e provoca um amálgama de efeitos” no locutor (ROCHA, 2003, p. 297). Logo, o *ethos* está ligado ao ato enunciativo, mas não se pode ignorar que o público se constitui também representantes do *ethos* do enunciador, ainda que não fale. O *ethos* pode ser definido como o “locutor causar boa impressão”, pela construção do seu discurso e pela imagem de si, capaz de convencer o auditório e ganhar a sua confiança. A enunciação discursiva contribui para fazer emergir uma imagem de orador destinada a um auditório. O tom de voz, na fala, a escolha das palavras e dos argumentos, gestos, mímicar, postura etc. Estes são alguns signos, elocucionais e oratórios, vestimentais e simbólicos, para qualquer orador impor uma imagem psicológica e social. O *ethos* não age no primeiro plano, mas de ma-

neira lateral, visto que ele implica uma experiência sensível de discurso e mobiliza a afetividade do destinatário. Convém salientar que o *ethos* pressupõe uma imagem do *páthos*, a qual já inclui a sua aceitação.

Na visão de Aristóteles, o *ethos* é constituído pela honradez ou integridade do orador, por sua competência e por sua história ou trajetória de vida. Essa noção de *ethos*, oriunda da tradição retórica aristotélica, tem sofrido algumas modificações devido às teorias contemporâneas da argumentação, da análise de discursos e da pragmática. Maingueneau (1999, p. 91) apresenta a distinção entre o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo. O primeiro, que corresponde à definição aristotélica de *ethos*, pode ser dividido em *ethos* dito (o discurso) e *ethos* mostrado (os signos paralinguísticos – tom de voz, expressões faciais, gesticulação – e os signos imagéticos – postura, vestes). Já o *ethos* pré-discursivo está relacionado ao tipo do discurso e ao gênero do texto. Pode ser encontrada uma diversidade de *ethos* em função das especificidades dos tipos de discursos e gêneros de textos. Nessa perspectiva, o enunciador não é o ponto de origem estável que se experimenta desta ou daquela maneira, mas ele é um ponto de um quadro funcional interativo, uma instituição discursiva inscrita numa certa configuração cultural que implica os papéis, os lugares e os momentos da enunciação legítimos, um suporte e um modo de circulação para o enunciado. Para a análise de discursos, o enunciador é parte da cena enunciativa. Esta cena enunciativa é pressuposta pelo discurso para ser enunciado.

A cena enunciativa é composta por três cenas: a englobante, a genérica e a cenografia. A cena englobante é própria de um tipo de discurso e determina a sua situação pragmática: literário, religioso, filosófico etc. A cena genérica é própria de um gênero do texto: editorial, sermão, anúncio etc.

Neste trabalho, o tipo de discurso é o didático-religioso – educar com base na religião – e o gênero do texto é o tratado ascético-místico para o *Castelo Perigoso*. A cenografia é construída pelo *ethos* discursivo: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc. No *Castelo Perigoso*, a cenografia é construída pelo *ethos* dito, pela alegoria da construção do castelo a exemplo da Virgem Maria e dos argumentos utilizados para se

obter o paraíso na terra – vida contemplativa – considerando-se o *páthos*.

Uma determinada cenografia requer um determinado *ethos* a fim de torná-la verossímil. Nessa perspectiva, o *ethos* efetivo, por meio do qual o discurso vai construir os coenunciadores na sua diversidade, resulta da interação de diversas instâncias a partir de vários pontos do discurso. A distinção entre *ethos* dito e mostrado se inscreve nos extremos de uma linha contínua porque é impossível definir uma fronteira específica entre o que o dito sugere e o mostrado não explícita.

Segundo Santana Neto (2005), a partir da leitura do prólogo do *Castelo Perigoso*, percebe-se que o locutor utiliza a primeira pessoa do singular para designar-se, assumindo o discurso como seu e se posicionando. *Frère* Robert, monge e padre, posiciona-se como aquele que realiza o seu trabalho a partir desse local social, ao qual é dada a competência e a autoridade para

emsinar a todos e a todas fundar de seus corações hum castello tam forte contra seus imigos e tam fremoso e tam bem guarnido de dentro, que o doce Rey Jhesu Christo, verdadeiro esposo das santas almas, se contente e aja prazer em morar em ell.

Logo a “virtude” exigida ao *ethos* é conferida pela unção de *Frère* Robert.

Verificou-se que, a fim de construir o discurso, o locutor (relacionado ao $\eta\theta\omicron\varsigma$) apropria-se do uso da palavra (relacionado ao $\lambda\acute{o}\gamma\omicron\varsigma$) com o objetivo de persuadir o alocutário (relacionado ao $\pi\acute{\alpha}\theta\omicron\varsigma$). Esses três elementos-chave da retórica se influenciam mutuamente pela argumentação, a qual é construída a partir das relações entre o locutor, o alocutário e o discurso.

O *ethos* é apresentado como um elemento formado pelo *ethos* pré-discursivo (cena englobante própria do tipo do discurso e cena genérica própria do gênero do texto) e pelo *ethos* discursivo (cenografia), composto pelo *ethos* dito e o *ethos* mostrado, sendo que no *corpus* analisado este último não se apresenta por serem textos escritos.

Como o objetivo é construir discurso que visam à educação, o alocutário/auditório possui um lugar também de destaque, visto que

se busca obter a sua adesão intelectual e emotiva. Consequentemente, o *páthos* influencia a argumentação e a escolha da cenografia apropriadas ao alocutário/auditório, considerando-se que a adesão do alocutário/auditório se baseia num contrato intelectual entre esse e o locutor/orador. Esse contrato prévio se relaciona ao que mutuamente se concebe e admite entre ambos que é revelado nas premissas da argumentação e nas imagens construídas e/ou pressupostas pelo locutor.

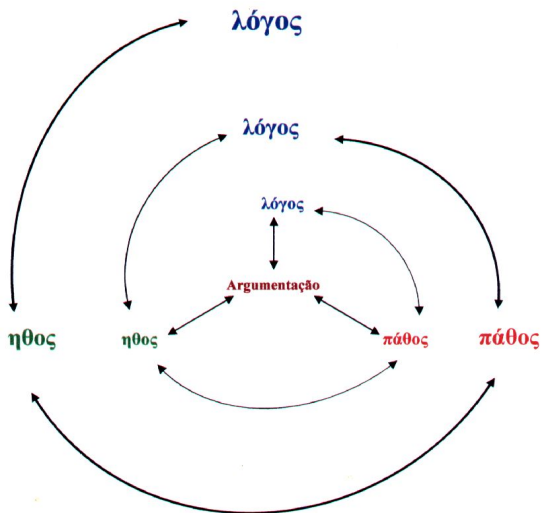
No *Castelo Perigoso*, o alocutário é o mundo cristão também crente e seguidor da doutrina cristã pregada pela Igreja com o objetivo de vida contemplativa – auditório universal. O *ethos* objetiva que o *páthos* se transforme na própria alegoria, o que exige uma mudança de natureza do *páthos* com vistas a alcançar o paraíso na Terra.

O *lógos*, entre as várias possibilidades que a linguagem verbal coloca à disposição do locutor/orador, é construído a partir de um fazer argumentativo fundamentado em argumentos didáticos (perguntas didáticas e situações hipotéticas) e intertextualidade (argumento de autoridade – citações, paráfrases e referências –, exemplos narrativos – modelos e antimodelos – e referências modelares). Observa-se no tratado *Castelo Perigoso* que a grande maioria dos argumentos de autoridade utilizados está relacionada à religião cristã e aos dogmas da Igreja. Tal fato corrobora a ideia de que ambos os locutores/oradores (relacionados ao *ethos*) e alocutários/auditórios (relacionados ao *páthos*) estão subordinados à doutrina cristã e à Igreja, o que demonstra que o *lógos* é influenciado pelo *ethos* e pelo *páthos*.

O *lógos* é construído a partir de um *ethos* pré-discursivo (tipo de discurso e gênero de texto) e de *páthos* (relacionado ao acordo prévio entre locutor/orador e alocutário/auditório). Nessa perspectiva, o *lógos* e o *páthos* influenciam na construção do *ethos* dito (o discurso), que apresenta o discurso religioso como discurso constituinte, e o *lógos* e o *ethos* também interferem na construção do *páthos* (relacionado contrato intelectual entre o locutor/orador e o alocutário/auditório e as emoções do último).

Como consequência dessas influências mútuas entre os três elementos-chave da retórica, tem-se a argumentação como síntese desse processo, uma vez que ela recebe a influência dos três e, através dela, um influencia os outros dois e sofre a influência deles.

Conseqüentemente, o tipo de argumento utilizado coloca em ênfase um dos três elementos, mas os outros dois estão na base que sustenta a argumentação.



Considerando Adam (1999, p. 102) e Rocha (2003, p. 297), a partir do estudo teórico, do levantamento de ocorrências dos processos argumentativos utilizados no *corpus* e das respectivas análises, Santana Neto (2005, p. 102) representa pelo esquema a acima a argumentação como a síntese que congrega o *lógos*, o *ethos* e o *páthos*, uma vez que esses três elementos são utilizados para a construção da argumentação num processo de complementariedade espiralada que objetiva atingir à persuasão.

Considerando-se a construção do *ethos* dito, o *lógos* e o *páthos* do auditório ao qual se destina, *Frère Robert* baseia a sua obra, *o Castelo Perigoso*, no discurso religioso institucionalizado.

Tal hipótese se fundamenta no fato de que as situações hipotéticas não figuram no *Castelo Perigoso*, pois o discurso ascético-místico não admite a possibilidade da contra-argumentação nem necessita de justificação. Outro fator de fundamentação dessa hipótese é o fato de que a intertextualidade e a interdiscursividade apresentam uma frequência de ocorrências bem alta no *Castelo Perigoso*.

Outra hipótese aventada por Santana Neto (2005, p. 103) é a de que o emprego de alguns subtipos de argumentos está intimamente ligado à temática e/ou à imagem do auditório. Esses elementos, muito mais do que o tamanho do texto, são decisivos para o uso de determinado subtipo de argumento, considerando-se também o tipo do discurso e o gênero do texto.

No *Castelo Perigoso*, alguns temas impedem e/ou dificultam o emprego de determinados subtipos de argumentos, por exemplo, o uso de citações e/ou paráfrases de pensadores não ligados à Igreja nos tratados *Dos benefícios de Deus* e *Das penas do inferno*; de perguntas didáticas nos tratados *Dos benefícios de Deus* e *Da amizade e das qualidades do amigo*, e do antimodelo – exemplos narrativos – no tratado *Das alegrias do paraíso*. Além disso, o tipo do discurso e o gênero do texto, no *Castelo Perigoso*, não admitem o uso das situações hipotéticas, visto que o discurso religioso não necessita de justificação nem admite contra-argumentação.

Face ao exposto, sugere-se que o trabalho tenha continuidade, objetivando comprovar ou refutar as hipóteses colocadas e que o *corpus* seja ampliado com a inclusão de outras obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean-Michel. Images de soi et schématisation de l'orateur: Pétain et de Gaulle en juin 1940. In: AMOSSY, Ruth (Org.) *Images de soi dans le discours*. La construction de l'ethos. Lousanne, Delachoux et Niestlé, 1999, p. 101-126.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, [IV a.C.]1998.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, scénographie, incorporation. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). *Images de soi dans le discours*. La construction de l'ethos. Lousanne: Delachoux et Niestlé. 1999, p. 75-100.

MEYER, Michel. As bases da retórica. In: CASCARDI, Anthony; HINTIKKA, Jaakko; PORCHAT, Oswaldo et al. *Retórica e comunicação*. Trad. Fernando Martinho. Porto: Asa. 1994, p. 31-70.

PIZAN, Christine de. *Livro das tres vertudes a insinança das damas*. Edição crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Caminho, 2002.

ROBERT, Frère. *Castelo perigoso*. CÓDICE ALC. 199. Lisboa: Biblioteca Nacional, [14.].

ROCHA, Maria José Campos. Um olhar sobre a retórica. In: SANTANA NETO, João Antonio de; MACÊDO, Joselice; ROCHA, Maria José Campos (Orgs.). *Discursos em análise*. Salvador: UCSal, 2003, p. 294-300.

SANTANA NETO, João Antônio de. *Processos argumentativos: estudo retórico de textos didáticos medievais*. Salvador: Quarteto, 2005.